

ALUNOS “ANALFABETOS” NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE PENSAM DIRETORES E PROFESSORES

Gilvan Elias Pereira¹

RESUMO

A proposta da pesquisa das reflexões relatadas por este artigo não é questionar as estatísticas e os resultados de avaliações diagnósticas, tais como os da Prova Brasil e do Pisa, que apontam a existência de um grande número de estudantes de séries avançadas do Ensino Fundamental que leem e escrevem muito mal, mas ouvir diretores escolares e professores e, assim, problematizar essa questão de modo a questionar quem seria o aluno real que se esconde em tais estatísticas e identificar algumas implicações desse problema para o professor. O pressuposto teórico é o de que ler e escrever são competências que podem ser desenvolvidas em diversos níveis de letramento, de modo que a simples divisão das pessoas em alfabetizadas e analfabetas pode ser uma limitação para se entender a complexidade do processo de aquisição das habilidades necessárias às práticas da escrita e leitura. Os resultados das pesquisas com diretores e professores de Língua Portuguesa de quatro escolas públicas paulistas mostraram que a existência de alunos (de séries avançadas do Ensino Fundamental) em situação de baixíssimo alfabetismo é reconhecida por esses educadores, que, por sua vez, revelam muitas dificuldades diante da situação. O imaginário reflexivo dos educadores pesquisados pode ser resumido em três aspectos: o subjetivo, caracterizado pela desmotivação pessoal; o profissional, pelo reconhecimento do próprio despreparo para lidar com o problema; e o político-social, que se manifesta pelas queixas recorrentes à omissão da família e à falta de apoio governamental. Percebeu-se que o olhar do professor é voltado, quase que sempre, para suas dificuldades diárias expressas nas reclamações de falta de apoio da família e de apoio psicológico ou psicopedagógico, transparecendo, assim, que o professor, subliminarmente,

¹ *Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Professor da FAAT Faculdades.*

clama por ajuda externa, seja de outros profissionais, seja da família e do governo.

PALAVRAS-CHAVE

Analfabetismo; Níveis de alfabetismo; Professor reflexivo.

ABSTRACT

The proposed research and reflections reported in this article are not to question statistics and results from diagnostic assessments such as Brazil Test and Pisa, which indicate the existence of a large number of elementary school advanced grades students who read and write very badly. It is to hear school principals and teachers and subsequently discuss this issue in order to question who the real student hiding behind such statistics might be and identify some implications from this problem for the teacher. The theoretical assumption is that reading and writing are skills that can be developed at various levels of literacy, so the simple division of people between literate and illiterate may represent a limitation to understand the complexity of the process for acquiring the necessary skills for writing and reading practices. Results of the research with principals and Portuguese language teachers from four São Paulo city public schools showed that the existence of students (of advanced grades of elementary school) in extremely low literacy situation is recognized by those educators who, in turn, reveal many difficulties regarding this issue. The imaginary reflection of the surveyed educators can be summarized in three aspects: subjective, characterized by personal demotivation; professional, through recognition of their own unpreparedness to deal with the issue and political/social manifested by recurrent complaints about family omission and lack of government support. It has been noticed that the teacher's look is almost always focused on daily difficulties expressed in complaints for lack of family and psychological or psycho-pedagogical support, showing, this way, that the teacher subliminally calls for external assistance from other professionals either from family and/or government.

KEY WORDS

Literacy; Illiteracy; Schooling failure.

INTRODUÇÃO

São muitas as estatísticas que nos informam sobre a existência, em grande quantidade, de alunos que no final do Ensino Fundamental, ou mesmo no Ensino Médio, leem e escrevem muito mal. A opinião de muitos, inclusive de educadores e outros formadores de opinião, é de que no Brasil há alunos que chegam ao final da Educação Básica “analfabetos”.

Na pesquisa ora divulgada, nosso propósito não é questionar os números e os resultados de avaliações diagnósticas amplamente divulgadas, tais como os da Prova Brasil, Pisa e outros, mas problematizá-los de modo a questionar quem seria esse aluno real, o aluno que se “esconde” nas estatísticas, e quais as implicações desse problema para o professor.

Nosso pressuposto teórico é o de que saber ler e escrever são competências que podem ser desenvolvidas em diversos níveis, de modo que admitir a simples divisão das pessoas em alfabetizadas e analfabetas pode ser uma limitação perigosa para se entender a complexidade do processo de aquisição das habilidades necessárias às práticas da escrita e leitura (TEBEROSKY, 2005).

Dizer simplesmente que uma pessoa é alfabetizada não esclarece qual é seu nível de alfabetismo, por outro lado, dizer que é analfabeta também exclui por completo o reconhecimento de qualquer habilidade que a pessoa possa ter desenvolvido no convívio com o mundo letrado. De fato, existem os analfabetos absolutos, aqueles que desconhecem completamente os códigos linguísticos gráficos e que não são capazes de desvendar qualquer palavra escrita, mas dividir o mundo entre leitores e não leitores não é suficiente para se conhecer satisfatoriamente as habilidades de leitura e escrita de uma pessoa e seu preparo para o convívio em um mundo altamente letrado, em que as exigências de domínio da língua escrita são cada vez mais essenciais para o exercício pleno da cidadania (SOARES, 2007).

Diante do exposto, não é demais esclarecer que o conceito de alfabetismo, entendido praticamente como sinônimo de letramento, torna-se mais adequado para a análise desse problema, na medida em que seu foco é problematizar a ideia de que muitos alunos que cursaram completamente os quatro anos iniciais do Ensino Fundamental e que, portanto, deveriam dominar plenamente as tecnologias da alfabetização ou mesmo as habilidades necessárias ao uso da leitura e da escrita, não possuem essas habilidades desenvolvidas satisfatoriamente.

Objetivos da Pesquisa e Caminho Metodológico

Uma pesquisa supostamente voltada para conhecer o aluno dito “analfabeto”, “semianalfabeto” ou “analfabeto funcional”, aluno este que está por trás das estatísticas educacionais brasileiras, envolve vários esforços investigativos que, certamente, dependem do contato direto com escolas, professores, alunos e outros sujeitos que compõem a práxis escolar. Encontrar o aluno em situação de fracasso (CHARLOT, 2000), o aluno dos anos finais do Ensino Fundamental que demonstra estar no nível do analfabetismo ou mesmo no nível de alfabetismo rudimentar, é certamente o principal desafio.

Nessa pesquisa, entretanto, nos propusemos a realizar uma primeira etapa que serviria como cenário para uma posterior investigação voltada para o aluno real em situação de fracasso, que é o contato com os principais agentes escolares (diretores e professores) e verificar como esses educadores percebem seu trabalho e abordam o problema da existência de alunos “analfabetos” em séries avançadas do Ensino Fundamental, invocando o caráter reflexivo da prática do educador, conforme D. Shön e M. K. Zeichner, ainda que conscientes de que nem todo professor seja, de fato, um professor reflexivo (PERRENOUD, 2002).

O propósito foi indagar diretores e professores, em uma abordagem qualitativa (LUDKE e ANDRÉ, 1986), sobre o que pensam esses agentes escolares que são os responsáveis pelo en-

sino e que muitas vezes reforçam certo discurso alarmista sobre a educação. Indagar como percebem o problema e questionar, por exemplo, se acreditam na existência ou não de alunos “analfabetos” frequentando os anos finais do Ensino Fundamental e como a escola os recebe. O propósito é, pois, colher informações referentes ao imaginário do educador sobre esse problema da existência de alunos supostamente analfabetos nos anos finais do Ensino Fundamental e sobre quem é esse aluno real que as estatísticas informam como aluno que mal sabe ler e escrever.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários semiestruturados visando a captar inicialmente a visão dos agentes escolares (diretores e professores) sobre a educação e o ofício do professor, assim como em relação a aspectos ligados à motivação profissional e à percepção do problema central, que é o aluno em situação de fracasso.

A Pesquisa

Os resultados dos questionários respondidos por quatro diretores e oito professores de Língua Portuguesa de quatro escolas públicas de uma cidade do interior do estado de São Paulo, no ano de 2011, mostraram que a existência de alunos em situação de baixíssimo alfabetismo é vista como incontestável por esses agentes escolares, que, por sua vez, revelam dificuldades para lidar com a situação.

Indagados se a escola está preparada para lidar com o problema da existência de alunos semianalfabetos em séries avançadas do Ensino Fundamental, três dos quatro diretores disseram que não e atribuíram essa falha ao despreparo e desmotivação do professor (de 6º a 9º ano do E. F.) para lidar com problemas de alfabetização e ainda destacaram a falta de apoio da escola ao professor, seja pela falta de programas específicos para tratar das questões relacionadas às falhas de alfabetização, seja em razão da não disponibilização de especialistas como psicólogos e fonoaudiólogos.

A recorrência destes gestores escolares a temas como a desqualificação e desmotivação do professor, a falta de comprometimento da família e a inadequação das condições do trabalho no interior da escola compõe um discurso que distribui responsabilidades, embora não toque no problema do ensino propriamente dito. Tais avaliações confirmam as pesquisas de Gatti (2009) ou mesmo as de Carnoy (2009), que enfocam, cada uma a seu modo, o problema da baixa eficácia da escola (incluindo-se do trabalho dos professores) em razão seja do despreparo profissional, seja das características das práticas pedagógicas predominantes na escola brasileira.

As respostas dos oito professores de Língua Portuguesa entrevistados são bastante críticas em relação às condições de trabalho, especialmente no que se refere à questão da superlotação das classes, ainda que alguns concordem que as coisas estão melhorando, que tem havido preocupação por parte do governo.

Perguntados se acreditam na existência, de fato, de alunos “analfabetos” em séries avançadas do Ensino Fundamental, ou se acham que isso é apenas alarmismo da imprensa, todos, sem exceção, afirmaram que sim. Entretanto, as respostas foram curtas, muitas vagas e subjetivas, contribuindo, assim, para reforçar nossa suspeita de que o conceito de “analfabetismo” é usado, por professores e pessoas de modo geral, com muita imprecisão. Não houve resposta problematizadora ou questionadora do sentido de “analfabetismo”, ainda que a pergunta já contivesse uma provocação ao indagar se esse problema não seria apenas alarmismo da imprensa.

Para responder quais seriam os motivos de os alunos chegarem aos anos finais do Ensino Fundamental com tantas deficiências, o problema da lotação da classe volta a aparecer como o principal incômodo do professor, embora outros aspectos também tenham sido lembrados.

Questionados se a escola está preparada para lidar com alunos em situação de fracasso, sete dos oito professores afirmaram que não. Mas, curiosamente, a metade desses professores afirmou estar preparada para atender tais alunos, fazendo-nos crer que

estes professores acreditam que o problema do ensino deve-se a fatores fora de seu alcance. De qualquer forma, também é preocupante que a outra metade destes professores tenha alegado não estar preparada para atender alunos com dificuldades graves de aprendizagem ou com deficiências de formação. Este dado revela a importância que a formação inicial e continuada tem quando se pensa na tarefa da escola e do professor. Como apenas dois deles responderam já terem feito curso de atualização profissional voltado especificamente para problemas de aprendizagem e escrita, podemos dizer que o sentimento de despreparo e a falta de formação continuada sejam aspectos que contribuíram bastante para agravar as deficiências do trabalho com alunos que apresentam muito baixo alfabetismo.

Sobre como esses professores trabalham com esses alunos com dificuldades graves em relação à leitura e à escrita, quatro das oito respostas dos entrevistados disseram encaminhar para o reforço ou dar atenção individualizada; as outras quatro respostas disseram que trabalham a autoestima dos alunos, colocam-nos junto com colegas que têm melhor desempenho escolar ou mesmo incentivam a prática de leitura.

Percebemos, entre outras coisas, a falta de um padrão de conduta, a falta de uma diretriz sobre como lidar com problemas dessa natureza. Não há orientações assertivas por parte dos órgãos gestores centrais ou da gestão da unidade escolar. O reclamo dos professores da falta de apoio externo (psicopedagogos, psicólogos, presença da família etc.) ou mesmo de que carecem de formação específica para lidar com problemas de baixo letramento pode ser visto como parte do sintoma de que a escola está mal preparada para tratar desse problema.

Considerações Finais

O imaginário dos educadores pesquisados aponta para três grandes aspectos: o subjetivo, caracterizado pela desmotivação pessoal; o profissional, marcado pelo reconhecimento do despre-

paro para lidar com o problema; e o político-social, que remete à omissão ou desestruturação da família ou mesmo à falta de apoio governamental.

Como era de se esperar, o olhar do professor é voltado para o problema da aprendizagem e para suas dificuldades diárias, como por exemplo, a reclamação de falta de apoio da família, de problemas com a proposta pedagógica e falta de apoio psicológico e psicopedagógico. Ao fazer essas queixas, parece-nos muito evidente que o professor está solicitando ajuda, que está declarando precisar de ajuda externa de outros profissionais e também da família e do governo.

O tom de insatisfação, frustração e imobilismo, que permeia o discurso do professor, parece colaborar para impedir uma reflexão mais aprofundada que envolva o esforço de repensar o papel da escola e de sua necessária qualificação para o desafio de combater e vencer o fracasso escolar.

Bibliografia

- CARNOY, Martin. *A vantagem acadêmica de Cuba: por que seus alunos vão melhor na escola*. São Paulo: Ediouro, 2009.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- GATTI, Bernadete A. (coord.) e BARRETO, Elba de S. *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: UNESCO, 2009.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- PERRENOUD, Philippe. *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Art-med, 2002.
- SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2007.
- TEBEROSKY, Ana. “Debater e opinar estimulam a leitura e a escrita”. In: *Revista Nova Escola*, edição 187 – nov/2005.